

Os contos dos Irmãos Grimm e o seu poder questionador¹

Grimm's Fairy Tales and their Questioning Power

FERNANDO AZEVEDO

Universidad do Minho

Portugal

fraga@ie.uminho.pt

(Recibido 9-08-2013;
aceptado 27-11-2013)

Resumo. Este ensaio analisa a dimensão questionadora subjacente a alguns contos dos Irmãos Grimm, salientando que, muitos destes textos, pela sua especificidade e pelo seu funcionamento pragmático, comportam uma não negligenciável capacidade perlocutiva. Com efeito, no *corpus* selecionado verifica-se uma atenção concedida a personagens simbolicamente destituídas de voz ou de capacidade de ação, mostrando-se que elas podem, se assim o desejarem, alcançar sempre uma certa ordem simbólica, desde que realizem um determinado esforço, superando um conjunto de provas ou de obstáculos. Deste modo, estes textos ensinam os seus leitores a acreditarem no poder da palavra e na capacidade desta em transformar o mundo.

Palavras-chave: *Contos; ideologia; Irmãos Grimm.*

Abstract². This paper analyzes the way some fairy tales from the Brothers Grimm make us question the world. Many of these texts, for its specificity and pragmatic function, have an important perlocutionary function. In the selected corpus shown in this study we can find characters that are symbolically deprived of the capacity for action. These characters, as long as they apply some effort and surpass obstacles, can always achieve a certain symbolic status. This is highly significant as these texts teach their readers to believe in the power of the word to transform the world.

Keywords: *Fairy Tales; Ideology; the Brothers Grimm.*

¹ Para citar este artículo: Azevedo, Fernando (2014). Os contos dos Irmãos Grimm e o seu poder questionador. *Álabe* 9. [www.revistaalabe.com]

² Agradeço ao Professor Pedro Palhares, do Instituto de Educação da Universidade do Minho, a revisão do resumo em língua inglesa.

1 - Introdução

Os contos dos Irmãos Grimm fazem hoje parte do património da nossa cultura: são conhecidos pelas crianças, são recontados por elas, são reescritos e reinterpretados por escritores e ilustradores e por toda uma indústria cultural que os consolida no âmbito da chamada cultura popular (Storey, 2003).

2 - A especificidade dos textos e o seu funcionamento pragmático

Os textos que servem de suporte a esta análise hermenêutica possuem, em termos ontológicos, determinadas especificidades, as quais, articuladas com o seu funcionamento pragmático, requerem uma cuidadosa atenção.

Trata-se, com efeito, de relatos pouco extensos, com um reduzido elenco de personagens, escassamente caracterizadas, um esquema temporal restrito e uma ação condensada (Reis e Lopes, 1998: 78-82). Além disso, estes contos foram, na origem, recolhidos junto de comunidades que os transmitiam oralmente de geração em geração e cujo público-alvo, em primeira instância, não eram as crianças, mas os adultos (Reinstein, 1983). Por estas razões – a sua natureza ontológica, mas também a sua ligação a uma arte da oralidade e da memória – , estes textos mostram-se fruto de saberes considerados fundacionais ou primordiais, saberes que, interconectando-se intimamente com os códigos ideológicos e culturais das comunidades, enfaticamente sublinham determinadas verdades axiológicas e/ou simbólicas, cuja origem, coletiva e indeterminada, se esgota na memória do tempo. Assim, eles comportam, ainda hoje, passados 200 anos após a sua difusão, junto do público leitor, uma importante e não negligenciável capacidade perlocutiva, fortemente correlacionada com uma determinada dimensão ética ou educativa.

3 - Algumas linhas ideológico-temáticas relevantes presentes nos contos

Os contos dos Irmãos Grimm, publicados em 1812, são constituídos por uma série de textos que têm sido objeto, ao longo dos tempos, de uma atenção diversificada sob múltiplos prismas. Maria Tatar (1992, 2003), por exemplo, enfatiza nestes textos as dimensões mais obscuras da realidade humana (a violência, a crueldade, a morte). Outros autores têm analisado as influências desta espécie de meta-narrativa nas escritas contemporâneas em várias línguas e culturas (Haase, 1993; Cortez, 2001), bem como noutros suportes semióticos (Rankin, 2007). Natividade Pires (2013) sublinha o impacto dos contos no imaginário das crianças, em particular no que respeita aos papéis sociais das personagens ao nível do género e do poder.

Neste nosso artigo, argumentamos que uma das linhas de força exibidas por alguns destes contos reside na atenção concedida aos mais fracos ou aqueles que factual e simbolicamente não parecem ser possuidores de voz ou de capacidade de ação. Nesta nossa argumentação socorremo-nos de princípios como os defendidos por Jack Zipes (1994) ou Jane E. Kelley (2008), segundo os quais os contos de fadas, dando a ler valores e condutas para os costumes, exibem sempre, ainda que, muitas vezes, apenas de modo indireto ou oblíquo, determinadas relações de poder. Com efeito, os textos selecionados neste artigo mostram-nos que aqueles que não são detentores de poder conseguem sempre alcançar uma certa ordem simbólica, desde que, manifestando sempre uma autoconfiança e uma capacidade de perseverança, a que se associam princípios éticos de retidão e de solidariedade, realizem um determinado esforço, superando um conjunto de provas ou de obstáculos. Como explicitamente assinala Jack Zipes (2009), estes textos permitem-nos materializar realidades que compensam o desgaste do quotidiano, possibilitando uma reflexão crítica acerca do mesmo e uma regeneração espiritual. Esta é, com muita frequência, a sua ideologia, um discurso que, como afirmou Christian Zimmer (1974 : 138), não tem corpo nem rosto, mas que está lá e se deteta quando o texto é atentamente perscrutado sob a perspectiva de uma literacia crítica (Morgan, 1997; Comber, 1992; 2001). Nesta ótica, os textos da literatura infantil, como demonstrou Jack Zipes (1986), contêm um não negligenciável poder subversivo.

Esta dimensão de resistência ativa, a que se associa a capacidade de explicitação de outros pontos de vista alternativos face a um determinado estado de coisas existente, é detetável numa pluralidade de textos, sendo particularmente visível em certas formas breves da narrativa que comumente articulam dimensões comunitárias, gnosiológicas e axiológicas.

4 - Observação de alguns textos

Em *A Gata Borralheira*, por exemplo, narra-se a história de uma jovem, que, reprimida, desprezada e humilhada pela família mais próxima, consegue, graças à intervenção do sobrenatural, representado nas ações da fada madrinha, emancipar-se e ganhar voz.

Se na versão de Charles Perrault, esta é uma jovem passiva, dependente e incapaz de protagonizar um grito de revolta contra as humilhações da madrasta e das meias-irmãs – ela não possui agência ou voz, como sublinha Linda T. Parsons (2004: 144) –, na versão dos Irmãos Grimm, a Gata Borralheira assume as rédeas do seu destino e manifesta uma capacidade de agir e de ludibriar, inclusivamente, o próprio universo masculino³.

³ Note-se que o Príncipe, ludibriado duas vezes pela Gata Borralheira e duas vezes pelas meias-irmãs, só consegue solucionar situações de tensão pela força e quando ajudado por objetos ou seres externos: ajudado pelo pai da Gata Borralheira e pelo machado, destrói o pombal e derruba a pereira (numa tentativa infrutífera de desvendar a entidade da menina do baile) e, só quando alertado pelas pombas, descobre que levava para o palácio a noiva errada. Também ao contrário da voz paterna, inaudível e totalmente manipulada pela voz da madrasta, a Gata Borralheira mostra-se capaz de agir e de alcançar a sua emancipação.

Ainda que a casa onde ela vive surja como um espaço íntimo e afastado do mundo exterior, no qual ela experimenta as frustrações, humilhações e sacrifícios causados pelos seres que lhe estão mais próximos (a madrasta e as meias-irmãs), nota-se que é ainda num espaço fechado, mas de explícita exposição pública (o baile no castelo do príncipe), que a personagem, *graças a um isomorfismo imaginário, mostrará, com todo o seu esplendor, a sua essência*. A crença no maravilhoso e a sua aceitação possibilitam, pois, que a personagem, alcançando o contato e o casamento com o príncipe, se emancipe e readquira a voz que os outros lhe usurparam.

Em *A Serpente Branca*, o serviçal, que fora injustamente acusado de roubar o anel da Rainha e, por essa razão, condenado à morte, consegue, graças ao poder que lhe advém de ter acedido a um objeto mágico, reservado apenas a uma elite, salvar a sua vida. Este jovem, criado do Rei, manifestará, ao longo da narrativa, um comportamento justo e solidário para com os demais e alcançará, no final, o poder, ao casar-se com a princesa. É, a nosso ver, significativo que, no seu percurso de vida, o jovem criado encontre nos animais toda a ajuda e solidariedade, e nos homens, desprezo, ameaças várias e humilhações: só após um percurso iniciático, cheio de provas superadas, é que o jovem criado pode transcender a sua condição e viver em segurança, e em amor, até ao fim dos seus dias.

Também em *O Ganso de Ouro*, é o filho mais novo de três, desprezado pela família, e significativamente apelidado de “Parvo” ou de “João Bobo”, consoante as versões em língua portuguesa, que alcançará o sucesso e o poder. De facto, é este que, mostrando possuir um coração puro e solidário para quem tem necessidade, consegue fazer rir a princesa e, depois de superadas uma série de provas exigidas pelo Rei, obter a sua mão em casamento, expressão simbólica do acesso ao Poder e à Autoridade. É relevante que os detentores do poder factual, mesmo depois de superadas com sucesso as provas exigidas aos candidatos, manifestem grande dificuldade em cumprir a palavra dada e façam novas e inusitadas exigências⁴.

Nesse ícone universal, que é *O Capuchinho Vermelho*⁵, como lhe chamou Sandra L. Beckett (2008), a voz familiar dominante é a das mulheres, embora o texto, cumprindo também as suas funções axiológicas e de ligação a um saber comunitário, reposicione o discurso sob a voz patriarcal. À voz masculina está reservado um papel duplo de agressão e de salvação (Autor, 2008).

Assistimos, neste conto, a uma violação ostensiva da ordem patriarcal dominante: trata-se, com efeito, de um texto onde se mostra uma geração de mulheres educadoras (avó e mãe) que parece ter prescindido ou, pelo menos, que não concede valor ou importância aos homens. As mulheres desta narrativa, em particular as mais novas, aquelas que se encontram em fase de aquisição do poder e do conhecimento, mostram-se ousadas,

⁴ Por este meio, o conto não deixa de tecer uma subtil e impiedosa crítica a determinados atores, comportando uma importante capacidade modelizadora.

⁵ Ana Isabel Gouveia Boura (2011) assinala a multiplicidade das iniciativas de transmodalização e transdiegetização que o texto matricial tem sofrido desde a sua publicação, em 1697, por Charles Perrault.

ao ponto de a resolução da história, pelo menos na versão de Charles Perrault, se fazer pela punição das mesmas, isto é, pelo seu desaparecimento/morte. Além disso, vivendo num agrupamento monofamiliar isolado (a avó vive na floresta, fora da comunidade, num território que simbolicamente é o lugar do Outro), as mulheres desta narrativa parecem tornar-se presas relativamente fáceis e potencialmente passíveis de destruição (a avó e a menina) ou de anulação (a mãe) por parte de um ser que, ostensivamente marcado pela sua animalidade, se dá a ler como explicitamente agressivo, astuto e predador (o lobo). A resolução do conflito e a reposição da ordem inicial é significativamente operada, na versão dos Irmãos Grimm, através do poder masculino, representado pelo caçador e pelos seus adereços (o machado ou a espingarda).

Todavia, como temos vindo a salientar, estes textos, embora mantendo, pelo seu próprio funcionamento semântico-pragmático, articulações profundas com as dimensões ideológicas predominantes nas comunidades de produção, não deixam de exibir, ainda que, de formas mais ou menos veladas, uma não negligenciável capacidade questionadora.

Por exemplo, no conto *O Polegarzinho*, é o filho mais novo da família, considerado por todos como pouco inteligente e com uma saúde delicada, que, com grande argúcia e coragem, salva, em diversos momentos, os restantes irmãos do abandono a que foram votados pelos progenitores e do destino trágico que sobre eles pesa ao terem-se recolhido, na sua fuga pela floresta, na casa de um ogre. É, além disso, esta personagem que, apropriando-se, por um golpe de sorte, das famosas botas das Sete Léguas – objeto mágico, por excelência –, obtém, dos que o rodeiam e que são, factualmente, detentores do poder, fama, reconhecimento, riqueza e capacidade de influência.

5 - Conclusões

Os textos analisados, ao longo deste artigo, mostram-nos que, apresentando determinados modelos do mundo, a literatura comporta uma não negligenciável capacidade de suscitar efeitos perlocutivos (Sutherland, 1985). Os contos dos Irmãos Grimm, pela sua ação condensada e pela novidade de que são portadores, interrogam mundos existentes e práticas dominantes, ensinando os seus leitores a acreditaram no poder da palavra e na capacidade desta em transformar o mundo.

Graças a estes textos, os leitores, que se iniciam nas aventuras nos bosques da ficção, têm a oportunidade de conhecer uma paleta multicolor da realidade humana. Interrogando indiretamente a semiosfera, estes textos proporcionam aos seus leitores a possibilidade de refletirem, de dialogarem, de questionarem, de pensarem, de debaterem determinados estados de coisas, buscando criativamente soluções para os desafios que potencialmente poderão vir a enfrentar no mundo empírico e histórico-factual em que se situam.

Referências

- Azevedo, F. (2008). Voz e poder na literatura infantil. In F. Azevedo, A. F. Araújo e J. M. Araújo (Orgs.) *Educação, imaginário e literatura. Atas do colóquio internacional*. Braga: Instituto de Estudos da Criança / Universidade do Minho, s/p.
- Beckett, S. L. (2008). *Red Riding Hood for all Ages. A Fairy-Tale Icon in Cross-Cultural Contexts*. Detroit: Wayne University Press.
- Boura, A. I. G. (2011). Família, espaço e património em Capuchinho Vermelho, na versão dos Irmãos Grimm. In C. Santos (Ed.) *Família, Espaço e Património* (pp. 449-461). Porto: CIT-CEM – Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”.
- Comber, B. (1992). Critical Literacy: a Selective Review and Discussion of Recent Literature. *South Australian Educational Leader*, 3 (1), 1-10.
- Comber, B. (2001). Critical Literacy and Local Action: Teacher Knowledge and a New Research Agenda. In B. Comber & A. Simpson (Eds.) *Negotiating Critical Literacies in Classrooms*. Mahwah: Erlbaum, pp. 271-282.
- Cortez, M. T. (2001). *Os Contos de Grimm em Portugal. Estudo da recepção dos Kinder-und Hausmärchen entre 1837 e 1910*. Coimbra: Livraria Minerva / Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos / Universidade de Aveiro.
- Haase, D. (Ed.) (1993). *The Reception of Grimm's Fairy Tales: Responses, Reactions, Revisions*. Detroit: Wayne State University Press.
- Kelley, J. E. (2008). Power relationships in Rumpelstiltskin: A textual comparison of a traditional and a reconstructed fairy tale. *Children's Literature in Education*, 39(1), 31-41.
- Morgan, W. (1997). *Critical Literacy in the Classroom. The Art of the Possible*. London and New York: Routledge.
- Parsons, L. T. (2004). Ella Evolving: Cinderella Stories and the Construction of Gender-Appropriate Behaviour. *Children's Literature in Education*, 35 (2), 135-154.
- Pires, N. (2013). Leituras das crianças no séc. XXI: que lugar para os Contos de Grimm? *Ocnos*, 9, 107-120. Recuperado de <http://www.revista.uclm.es/index.php/ocnos/article/view/230>
- Rankin, W. (2007). *Grimm Pictures: Fairy Tale Archetypes in Eight Horror and Suspense Films*. Jefferson: McFarland.

- Reinstein, P. G. (1983). Aesop and Grimm: Contrast in Ethical Codes and Contemporary Values. *Children's Literature in Education*, 14(1), 44-53.
- Reis, C. e Lopes, A. C. M. (1998). *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Almedina.
- Storey, J. (2003). *Inventing Popular Culture. From Folklore to Globalization*. Malden, MA-Oxford-Victoria: Blackwell Publishing.
- Sutherland, R. D. (1985). Hidden Persuaders: Political Ideologies in Literature for Children. *Children's Literature in Education*, 16(3), 143-157.
- Tatar, M. (1992). *Off with their Heads: Fairy Tales and the Culture of Childhood*. New Jersey: Princeton University Press.
- Tatar, M. (2003). *The Hard Facts of Grimm's Fairy Tales*. New Jersey: Princeton University Press.
- Zimmer, C. (1974). *Cinema et Politique*. Paris: Seghers.
- Zipes, J. (1986). *Les Contes de Fées et l'Art de la Subversion. Étude de la Civilisation des Mœurs à travers un Genre Classique: la Littérature pour la Jeunesse*. Paris: Payot.
- Zipes, J. (1994). *Fairy Tale as Myth/Myth as Fairy Tale*. Lexington: University Press of Kentucky.
- Zipes, J. (2009). *Relentless Progress. The Reconfiguration of Children's Literature, Fairy Tales, and Storytelling*. New York and London: Routledge.